

A Mina de S. Domingos
e o Projeto Malacate

LUGAR

LUGAR

TÍTULO

Lugar. A Mina de S. Domingos e o Projeto Malacate

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Mértola / Companhia Cepa Torta

CONCEITO, COORDENAÇÃO EDITORIAL E TEXTOS GERAIS

Miguel Maia

DESIGN GRÁFICO

Leonor Carpinteiro

FOTOGRAFIA*

Sónia Godinho

ILUSTRAÇÕES DE ABERTURA DE CAPÍTULO

Nádia Torres

GESTÃO DE PROJETO, ENTREVISTAS, TRANSCRIÇÕES E EDIÇÃO DE CONTEÚDOS

Leonor Carpinteiro

REVISÃO E EDIÇÃO DE TEXTO

Margarida Azevedo

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Inês Achando

APOIO DE PRODUÇÃO

Beatriz Sousa

TEXTOS

Alice Ruivo, Ana Brotas, Beatriz Araújo, Bruno Costa, Catarina Vieira, Cláudia Andrade, Daniela Reis, Daniel Cardeira, Daniel Vilar, Filipe Abreu, Gonçalo Mota, Isabel Campos, João Matos, Karina Sletten, Madalena Victorino, Mário Melo Costa, Miguel Maia, Paula Varanda, Paulo Guimarães, Pedro Faria Bravo, Ricardo Machado, Rita Sales, Rosinda Pimenta, Rui Carvalho, Rui Paixão, Sarah Gerats, Sara Ribeiro, Sofia Cabrita, Stein Henningsen, Tamara Alves e Viviana Cárdenas

ENTREVISTADOS

Alina Rukosueva, Ana Luísa Martins (Bé), André Martins, Ângelo Duarte, Beatriz Araújo, Camila Duarte, Carolina Álvaro, Cátia Marques, Conceição Batista, Custódia Lampreia, Fátima Santos, Francisco Correia, Idália Rodrigues, Januário Martins, Jesuína Santos, João Paulos, José Parrinha, José Pereira, Maria dos Anjos Costa, Maria dos Anjos Gonçalves, Maria Fernanda Teixeira, Nuno Martins, Núria Henriques, Paula Martins, Reinaldo Seno, Rodrigo Rodrigues, Sofia Rukosueva e Tânia Sacramento

CAPA

Leonor Carpinteiro (a partir de fotografia de Gonçalo Mota)

IMPRESSÃO

Palma Artes Gráficas Lda

ISBN

978-989-8640-18-5

DEPÓSITO LEGAL

541884/25

TIRAGEM

500 exemplares

APOIO

Projeto apoiado pela Islândia, Liechtenstein e Noruega, através dos EEA Grants.

**fotografias e imagens de outra autoria são creditadas na página respetiva*

©2024

PROJETO MALACATE (2021-2023)

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Miguel Maia (com Filipe Abreu até 2022)

GESTÃO DE PROJETO

GESTÃO FINANCEIRA

Bússola - Bruno Costa e Daniel Vilar

PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO

André Sequeira, João Romãozinho, Leonor Carpinteiro, Tatiana Lemos, Beatriz Sousa

FOTOGRAFIA

Sónia Godinho

APOIO À PRODUÇÃO

Beatriz Fresco, Inês Achando, Susana Afonso Lopes

DESIGN

João Vasco

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Mafalda Simões

TÉC. DE CONTABILIDADE ORGANIZADA

Maria dos Anjos Martins

ARTISTAS

Ana Brotas, Brandon Lagaert, Daniel Carreira, Daniela Reis, Filipe Abreu, Karina Sletten, Lise Wulff, Marina Nabais, Miguel Maia, Nádia Torres, Paula Varanda, Pedro Faria Bravo, Pöbel, Ricardo Machado, Rita Sales, Rossana Torres, Rui Paixão, Sarah Gerats, Sónia Godinho, Stein Henningsen, Tamara Alves, Telmo Soares, Viviana Cárdenas

CONVIDADOS CONVERSAS MALACATE

Miguel Maia e Filipe Abreu, Stein Henningsen e Sarah Gerats, Nádia Torres e Manuel Passinhas, Sara Ribeiro, Rossana Torres e João Romba, Isabel Campos, João Matos e Miguel Rego, Paulo Guimarães, Brandon Lagaert e Rui Paixão, Rita Sales e Pedro Faria Bravo

FINANCIAMENTO

Islândia, Liechtenstein e Noruega, através dos EEA Grants

OPERADOR DO PROGRAMA

República Portuguesa - Cultura / Direção-Geral do Património Cultural

PARCEIRO DO PROGRAMA

Direção-Geral das Artes

PROMOTOR

Companhia Cepa Torta

PARCEIRO FINANCIADOR

Câmara Municipal de Mértola

OUTROS PARCEIROS

Rossen tjelte/Røros kommune, Lise Wulff

OUTROS APOIOS

ALSUD, Associação de Caçadores da Mina de S. Domingos, Associação dos Reformados da Mina de São Domingos, Associação Terra Sintrópica, Associação Vidas com Gerra, Centro Social dos Montes Altos, Fundação Serrão Martins, Grupo de Coral da Mina de S. Domingos, Junta de Freguesia de Corte do Pinto, Junta de Freguesia de Santana de Cambas, Pensão de São Domingos, Universidade Sénior de Mértola

MALACATE
MINA DE SÃO DOMINGOS - MÉRTOLA

FINANCIADO POR

Iceland 
Liechtenstein
Norway grants

OPERADOR

PATRIMÓNIO CULTURAL

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

PARCEIRO

dGARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

PROMOTOR

CEPA TORTA

PARCEIRO FINANCIADOR

MERTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

APOIOS

LISE WULFF

 RØROS KOMMUNE

ÍNDICE

<i>Lugar-livro</i>	Miguel Maia	04
1. ESPAÇO OCUPADO POR UM CORPO		09
<i>Lugar</i>	Rosinda Pimenta	23
<i>Historial da nova mina</i>	Miguel Maia	27
<i>O tempo do corpo</i>	Ricardo Machado	35
<i>Cineteatro</i>	ESPAÇOS	38
<i>Ninho</i>	PROJETOS	40
<i>Entropia</i>	PROJETOS	41
Nuno Martins & José Pereira	PESSOAS	43
2. POSIÇÃO / ORDEM / CARGO		47
<i>Gestão cultural de projeto comunitário transnacional</i>	Bruno Costa & Daniel Vilar	61
<i>Café Malacate</i>	Filipe Abreu	65
<i>Ghost Hope Host</i>	Rui Paixão	69
<i>Residência artística como uma oportunidade para conversar</i>	Ana Brotas <i>et al.</i>	73
<i>A cirandar em mente aberta</i>	Alice Ruiivo	77
<i>Musical</i>	ESPAÇOS	80
<i>Dias Felizes</i>	PROJETOS	82
<i>A Céu Aberto</i>	PROJETOS	83
3. CONJUNTO DE PONTOS COM PROPRIEDADE COMUM E EXCLUSIVA		85
<i>Arte e sustentabilidade em Mértola</i> <i>«Da escuridão para a luz»</i>	Paula Varanda Stein Henningsen & Sarah Gerats	97 103
<i>São Domingos, uma mina que define a paisagem</i>	João Xavier Matos	107
<i>Achada do Gamo</i>	ESPAÇOS	112
<i>Pedra, Papel e Limão</i>	PROJETOS	114
<i>Workshop Utópico 1.</i>	PROJETOS	115
Reinaldo Seno	PESSOAS	116
Cátia Marques & Tânia Sacramento	PESSOAS	118
<i>RÓROS. Uma cidade norueguesa tão longe e tão perto</i>		121
4. CATEGORIA SOCIAL		123
<i>Eu lembro-me. O (meu) arquivo do espetáculo</i>		
<i>Caixa de Perguntas</i>	Sofia Cabrita	135
<i>Este Lugar. Documentário</i>	Mário Melo Costa	145
<i>A memória e o tratamento da memória</i>	Sara Ribeiro	151
Núria Henriques & Rodrigo Rodrigues	PESSOAS	153
<i>A Mina de São Domingos: Paisagem e metáfora do Capitaloceno</i>	Paulo E. Guimarães	155
<i>Cais do Minério</i>	ESPAÇOS	160
<i>Workshop Utópico 2.</i>	PROJETOS	162
<i>Caixa de Perguntas</i>	PROJETOS	162
<i>Intérpretes do Caixa de Perguntas</i>	PESSOAS	164

5. LOJA / POSTO DE VENDA		169
<i>SIM – Abril</i>	Pedro Faria Bravo	181
João Paulos	PESSOAS	183
<i>A experiência cultural do lugar das minas</i>	Rui Carvalho	185
<i>Pago da terra</i>	Catarina Vieira	191
Mercado	ESPAÇOS	194
<i>À Noite no Mercado</i>	PROJETOS	196
<i>Conversas Malacate</i>	PROJETOS	197
Maria dos Anjos Costa	PESSOAS	198
André Martins & Paula Martins	PESSOAS	200
6. VAGAR / TEMPO / VEZ		203
<i>Flora Perdida</i>	Tamara Alves	217
<i>À Superfície</i>	Gonçalo Mota	221
<i>A/título</i>	Beatriz Araújo	229
Jardim do Coreto	ESPAÇOS	234
<i>Workshop Utópico 3.</i>	PROJETOS	236
<i>Eu estive aqui, eu estarei aqui</i>	PROJETOS	237
Ana Luísa (Bé)	PESSOAS	238
7. AZO / OCASIÃO / ENSEJO		243
<i>Uma história de liberdade</i>	Isabel Campos	255
<i>Divagações pela Anatomia do Ensejo</i>	Cláudia Andrade	259
<i>Arte participativa como a vejo</i>	Madalena Victorino	265
<i>Criações, entre utopias e comunidades</i>	Rita Sales	269
Antigas Oficinas	ESPAÇOS	272
<i>Visões</i>	PROJETOS	274
<i>Oficinas criativas</i>	PROJETOS	275
Alina Rukosueva & Sofia Rukosueva	PESSOAS	276
8. TRECHO OU PASSO DE UM LIVRO		281
<i>A memória do futuro</i>	Daniela Reis	295
<i>A paisagem da Mina de S. Domingos</i>	Daniel Cardeira	299
<i>Mina de S. Domingos – Processos culturais em mudança</i>	Manuel Marques	303
Casa do Mineiro	ESPAÇOS	306
<i>Abandonada mente</i>	PROJETOS	308
Revista <i>Malacatório</i>	PROJETOS	309
Maria Fernanda Teixeira, Zé Parrinha & Francisco Correia	PESSOAS	310
Agradecimentos		316
Ficha técnica		318

(Lisboa, 1960)

É Historiador, Professor Auxiliar com Agregação no Departamento de História da Universidade de Évora, membro integrado do Centro de Investigação em Ciência Política e Director do Curso de Doutoramento em História Contemporânea. É autor de *Indústria e conflito no meio rural: os mineiros alentejanos (1858-1938)* (2001); *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo* (2010); *As Juventudes Libertárias e a Reorganização do Movimento Anarquista em Portugal nos anos 40* (2023); entre outras obras. Tem vasta produção historiográfica publicada em revistas portuguesas e internacionais. Os seus interesses têm incidido na história económica e social portuguesa (séculos XIX e XX).

Texto redigido com ortografia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990

A MINA DE SÃO DOMINGOS: PAISAGEM E METÁFORA DO CAPITALOCENO

As ruínas das instalações industriais da Achada do Gamo surpreendem o visitante e são espantosamente fotogénicas. Tal como no século XIX as ruínas românticas invocavam as grandezas das antigas civilizações, também estas marcas da Era Industrial, relativamente recentes num território deprimido, convidam à reflexão sobre a sociogénese deste território e da sua memória.

A imagem de prosperidade trazida pela actividade mineira, que nos é dada pelos viajantes e inspectores de minas, contrasta com o silêncio relativo aos modos de vida dos habitantes da Serra de São Domingos. Quando se pensou avançar para a queima das pirites que destruiu o arvoredo e as culturas, considerou-se ser aquela região azada para esse fim. No entanto, em 1758 o pároco da Corte Pinto assinalava a presença de 319 pessoas na única aldeia da freguesia que ficava situada na encosta de serra. Santana de Cambas tinha 256 pessoas na aldeia e mais 634 dispersas por 13 lugares (Sapos, Bens, Morenos, etc.). Os lavradores cultivavam trigos, milhos grossos, cevadas e centeios em terras pobres que eram depois deixadas em longos pousios. Havia sobreiros, meloais e abóboras.

A pesca era livre e fazia-se no Guadiana com redes. A água da maré chegava até ao sítio da Mesquita. Abundavam os barbos, as solhas e os muges. Nas suas margens contavam-se 20 moinhos e um pisão, que pertenciam a particulares.

A serra estava ocupada com milhares de colmeias e as suas ervas e plantas eram usadas para fins medicinais. Ali criavam-se gados «principalmente de cabelo» (Aldeia da Corte do Pinto, 25 de Maio de 1758. *Memórias paroquiais*, vol. 11, nº 387, p. 2617 a 2626). A economia do gado miúdo assentava principalmente no valor da sua lã que sustentava numerosas oficinas domésticas. Recorria-se também à caça de perdizes, coelhos, lebres e cervídeos.

A exploração da serra pelos moradores tinha sido livre, mas agora eram obrigados a pagar a décima. Fazia-se a repartição periódica de terras comuns.

«Pagam o dízimo dos frutos que semeiam e desfrutam da serra», escrevia aquele pároco. A riqueza mineira era conhecida: «Junto à ribeira do Chança estão várias minas que, segundo a tradição, se tira ouro».

As marcas da exploração mineira na Antiguidade mereceram destaque. Na zona próxima onde renasceria mais tarde a mineração havia um *pego* com águas sulfurosas que os enfermos usavam para se curarem da sarna. Ali perto tinham construído uma ermida. O pároco de Cambas disse mais: «nesta serra houve antigamente minas de metais e de prata pelo que mostra assim em várias covas que se acham na dita serra como por outros sinais se divisa nela».

Meio século depois, em 1801, a população tinha aumentado. Cambas registava 1.280 habitantes, a Corte Pinto 366. Em 1848, a população de Cambas aumentou ainda. Mas, com o início da actividade mineira a partir de 1858, a população masculinizada cresce continuamente nas duas freguesias mineiras: 2,6 mil habitantes em 1862; 5,3 mil em 1864; 7,5 mil em 1890; 9 mil no início do período republicano.

Em 1855, Ernest Deligny, engenheiro e empresário mineiro, envia o seu capataz Nicolás Biava, mineiro piemontês, para avaliar o valor dos escoriais antigos e das minas abandonadas na Antiguidade. Em breve registou a sua *descoberta* e cedeu-a ao seu patrono que encontrou dois financiadores (Louis, duque Decazes e Eugénio Leclerc), constituindo com eles, em Huelva, a sociedade mineira La Sabina para explorar as minas que tinha em carteira em Portugal. Prepara então o campo mineiro que arrendará ao seu director técnico, James Mason, engenheiro de minas formado pela Escola de Paris. Desde o início que se sabia que, apesar de poder dispor da proximidade do Guadiana, a sua viabilidade económica passava pela exploração em larga escala do jazigo reconhecido que contava teores médios de cobre baixos (2 a 5 por cento) e pelo aproveitamento do enxofre. Isto exigiria avultados capitais, boa administração e acesso ao mercado.

A mina de São Domingos, cuja exploração regular se iniciou em 1858, foi até meados dos anos trinta do século passado o maior empreendimento mineiro em Portugal, empregando regularmente mais de 1.500 pessoas e chegou a arrancar mais de 400 mil toneladas de minérios por ano nos finais da década de 1880 e nas vésperas da I Guerra Mundial. A sua economia foi desde o início destinada a satisfazer as necessidades crescentes de consumo de cobre e de enxofre da Grã-Bretanha em primeiro lugar, e depois dos restantes países europeus industrializados. Só na segunda metade do século XX, o mercado nacional, praticamente circunscrito ao consumo da Companhia União Fabril (CUF), passou a ter um peso significativo. Este espaço integrou-se na economia-mundo britânica, formando-se como uma extensão de aspecto colonial enquistada nas terras alentejanas.

A exploração mineira sob direcção inglesa notabilizou-se não apenas pela escala como pelo grande impacto ambiental sobre o território que se estendia até ao Algarve. A sua economia exigiu a fixação de milhares de pessoas oriundas de Huelva, da Serra, do Algarve e das Beiras que ocuparam a nova aldeia mineira e encheram povoações e montes. Para satisfazer as suas necessidades, a empresa tapou a ribeira que a atravessava para aí construir uma represa para o abastecimento de água às populações e à mina, a Tapada Pequena. Construiu um porto mineiro no Pomarão para escoar a produção pelo rio Guadiana até Vila Real de Santo António. Construiu uma via-férrea mineira que, por sua vez, exigiu a construção de pontes, viadutos e de uma

estação em Salgueiros. A introdução de tecnologias destinadas a reduzir custos de produção e de transporte no interior e exterior exigiram avultados investimentos que foram acarinhados pelo governo português, permitindo o uso da expropriação por utilidade pública de terras para os vários serviços associados à lavra mineira.

A partir de 1867 desenvolveu-se a exploração a céu aberto que abriu uma enorme depressão em toda a extensão da massa mineral, estando hoje transformada num lago artificial de águas ácidas. A primeira aldeia mineira foi destruída à medida que os trabalhos avançavam. Outra (a actual) a substituiu com a reorganização do espaço exigida. A empresa podia agora usar grande quantidade de trabalhadores sem qualificação, recrutados com baixos salários, enquanto os acidentes de trabalho aumentavam.

A valorização local dos minérios pobres (em teor metálico) exigiu a construção de fornos para queima na Achada do Gamo e, a partir da década de 1870, de processos de tratamento pré-metalúrgicos das pirites pela *via húmida* (também chamada hidrometalurgia). Esta tecnologia teve grande impacto ambiental e social. Abandonaram-se os ensaios com a queima dos minérios que, com a emissão de gases sulfurosos, destruíram o arvoredo e as plantações. Construíram-se então represas de água destinadas ao tratamento dos minérios e de tanques de *cementação* que alteraram profundamente a paisagem. A mais importante foi a Tapada Grande, desde cedo usada também como espaço de lazer.

Mas a introdução da nova tecnologia tinha outros custos imprevistos: a abundância de água à superfície provocou surtos de sezões (malária) com grande impacto na morbilidade e na mortalidade. A aldeia mineira esvaziou-se de gente que preferiu mudar-se para aldeias vizinhas. Plantaram-se eucaliptos para secar os solos também na crença das suas boas propriedades para produzir «bons ares» para a saúde.

A introdução de uma nova tecnologia na mira do lucro tinha criado um problema para a saúde pública para o qual não se encontrava solução. O problema arrastar-se-ia ainda até aos anos 40 quando passou a ser combatido com DDT (diclorodifeniltricloroetano), insecticida devastador para o ambiente e, a longo prazo, para a saúde das pessoas.

Além disso, a descarga de enormes quantidades de águas ácidas no Guadiana matava os peixes e destruía a sua criação, afastava os cardumes de sardinha da costa, prejudicando os pescadores da arte xávega (técnica tradicional de pesca em que as redes são puxadas do mar para a praia), corroía as redes e embarcações dos pescadores que usavam o rio, principalmente no Inverno. Construíram-se então represas e inundaram-se terras para mitigar estes impactos. O empreendimento tornou-se notável também como exemplo de boas práticas ambientais no aceso debate que percorre a República sobre os impactos da mineração na actividade agrícola.

A grande exploração criou também uma sociedade de tipo novo que se materializou na construção de um espaço hierarquizado e funcional que, por sua vez, também se foi modificando. Tomando como referência a década de 1880, tínhamos na base social os trabalhadores na corta (a exploração a céu aberto), os mineiros (contramina), os trabalhadores da Achada do Gamo, os trabalhadores do porto do Pomarão. Depois, as categorias qualificadas ou semi-qualificadas que se distribuíam por diferentes departamentos: os ferroviários, os operários das diferentes oficinas com as suas hierarquias, os guardas da

mina, os capatazes, os empregados de escritório. No topo, os engenheiros e os diferentes chefes.

A empresa coube a tarefa de criar e gerir a vida colectiva, construindo a escola, a igreja, o hospital, o teatro e o espaço mais nobre da localidade com o jardim, o seu coreto e campos de ténis. Apoiou cooperativas de consumo para baratear os preços dos géneros, uma banda de música e o futebol.

A mina tornou-se o horizonte de vida de uma comunidade que se constituiu sob as fracturas sociais. Os fios eléctricos passavam sobre os pobres *quartéis* dos trabalhadores e operários mineiros sobreocupados para dar conforto ao pessoal *superior*. Os ingleses tinham o seu próprio universo e o seu cemitério.

Tensões e erupções violentas marcaram este espaço desde cedo, acabando por torná-lo num espaço militarizado, quando a empresa passou a dispor de uma polícia privativa instalada na mina. Mas em momentos de maior tensão, recorria-se ainda ao exército, como ocorreu durante a greve de 1932.

Este foi um espaço onde germinaram novas mundividências e utopias, que levaram muitos a lutar pela liberdade e pela melhoria das suas condições de vida em contextos adversos. Esta *experiência colectiva*, que apresenta tantos traços comuns com o de outras grandes minas europeias, constituiu a dimensão fundamental da identidade afectiva da sua população.

A nova paisagem deslumbrava o viajante que atravessava o Alentejo. As mudanças físicas no território provocadas pelos homens, os milhares de pessoas que trabalhavam no empreendimento em diferentes sectores-espacos, a movimentação de minérios por via-férrea, a presença constante de barcos e navios no Pomarão para carregar minério, tudo, enfim, invocava a almejada nova civilização industrial no nosso país graças à acção de alguns empresários estrangeiros e, em especial, do seu director, o engenheiro inglês James Mason. Há, pois, uma *dimensão empresarial* notável neste empreendimento que prestígio desde cedo os capitais britânicos, a sua capacidade de administração (hoje diríamos gestão) e a sua engenharia.

A visão optimista veiculada pelos visitantes no período da Regeneração manter-se-á ainda durante muito tempo. Contudo, dará depois lugar ao sentimento negro que acompanhou os momentos de crise no século XX. Com os mercados internacionais encerrados durante as duas guerras mundiais, com a crise de 1929/30 e a depressão que lhe sucedeu, a população trabalhadora sofreu com o desemprego e o subemprego por não encontrar alternativas, e viveu miseravelmente com os baixos salários.

A exploração mineira terminou em 1965, num período em que se verificou o encerramento de muitas minas na região transtagana e por toda a Europa, enquanto outras se «modernizaram» investindo em equipamentos e processos de exploração que economizavam mão-de-obra.

O encerramento ficou a dever-se ao esgotamento do jazigo. Desde os anos 40 do século passado, quando as minas estavam praticamente paradas devido ao encerramento dos mercados externos, que os engenheiros do Serviço de Fomento Mineiro procuraram encontrar, como alternativa, outros miné-